

Desenvolvendo habilidades por meio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: a experiência da “Vivência em Gestão”

Developing skills through inseparability of teaching, research and extension: the experience of “Vivência em Gestão”

Gabriel Machado Braido¹
Samuel Martim de Conto²
Bernardete Bregolin Cerutti³

RESUMO

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão gera uma formação acadêmica ampliada e integrada, tão necessária para atender novos modelos e formas de gestão que emergem na sociedade contemporânea. Por isso, este estudo procurou identificar a contribuição do componente curricular denominado “Vivência em Gestão” no desenvolvimento das habilidades previstas no projeto pedagógico dos cursos da área de gestão da Universidade do Vale do Taquari. A revisão da literatura contempla um olhar para as habilidades sociais e as contribuições do tripé universitário no desenvolvimento de saberes. O desenvolvimento do artigo apresenta, também, a descrição da referida vivência em gestão. Os dados foram coletados por meio de uma pesquisa aplicada, composta por estudantes e gestores de empresas incubadas. Para atender ao objetivo proposto, a pesquisa valeu-se das abordagens quantitativa e qualitativa. Na análise dos dados, os resultados comprovam que os três conjuntos de atividades práticas realizadas no componente curricular contribuíram significativamente para o desenvolvimento pessoal, profissional e acadêmico dos participantes. Assim, a visão estratégica, a empatia e relacionamento interpessoal e a formação de equipe foram apontadas pelos estudantes como as habilidades mais desenvolvidas durante a vivência em gestão. Da mesma forma, houve relevantes contribuições dos estudantes para as empresas envolvidas no estudo, sobretudo na gestão das áreas financeira e logística.

Palavras-chave: Gestão. Habilidades. Ensino. Pesquisa. Extensão.

ABSTRACT

The inseparability between teaching, research and extension generates an expanded and integrated academic formation, so necessary to achieve new models and forms of management that emerge in contemporary society. For this reason, this study aims to identify the contribution of the curricular component called *Vivência em Gestão* in the development of the skills provided in the pedagogical project of courses in the management area of the University of Vale do Taquari. The literature review includes a look at social skills and the contributions of teaching, research and university extension to the development of knowledge. The development of the article also presents the description of that experience. The data were collected through applied research, composed by students and managers of incubated companies. To achieve the proposed objective, the research used quantitative and qualitative

¹ Doutor em Administração pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil; professor adjunto na Universidade do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil (gabrielb@univates.br).

² Doutor em Administração pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil; professor assistente na Universidade do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil (samuelc@univates.br).

³ Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil; professora assistente da Universidade do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil (bcerutti@univates.br).

approaches. In the analysis of the data, the results show that the three sets of practical activities carried out in the curricular component contributed significantly to the personal, professional and academic development of the participants. Thus, the strategic vision, empathy and interpersonal relationships and team building were pointed out by the students as the most developed skills during the *vivência em gestão*. Likewise, there were relevant student contributions to the companies involved in the study, especially in the management of the financial and logistics areas.

Keywords: Management. Skills. Teaching. Research. Extension.

INTRODUÇÃO

Conforme o Art. 207 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), as universidades obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Além disso, preconiza que esses elementos devem ter igual importância no processo formativo. Contudo, a partir de uma abordagem histórica, Farias, Soares e Farias (2010) observam que, na prática acadêmica, essas instâncias são desenvolvidas de forma dissociada, com a realização de projetos isolados que não atendem ao caráter interdisciplinar requerido pela legislação.

Moita e Andrade (2009) argumentam que, na maioria das vezes, a Universidade tem sido palco de análises e debates centralizados apenas no ensino, na pesquisa ou na extensão. Alguns esforços consideram as relações duais que articulam ensino e extensão, apontando para uma formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea, mas carecem da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico. Por sua vez, o ensino associado à pesquisa permite explorar terrenos em frentes de tecnologia, mas incorre-se na perda da compreensão ético-político-social conferida quando se pensa no destinatário final do saber científico: a sociedade (MOITA; ANDRADE, 2009).

Ao mesmo tempo que integrar ensino, pesquisa e extensão nos cursos de graduação se apresenta como um desafio às Instituições de Ensino Superior, vislumbra-se, também, uma excelente oportunidade para criação de currículos inovadores e mais próximos do mercado de trabalho. Atentos a esse desafio, os cursos de Gestão da Universidade do Vale do Taquari (Univates) têm flexibilizado seus currículos de modo a permitir a realização de atividades inovadoras (algumas em caráter piloto), a fim de experimentar novos modelos que possam ser implementados nos demais cursos. Nesse contexto, surge a Vivência em Gestão, componente curricular apresentado neste artigo.

A Vivência em Gestão é um componente que foi ministrado, em caráter piloto, nos Cursos Superiores de Tecnologia em Gestão Financeira e Logística, no primeiro semestre de 2019, buscando integrar pesquisa, ensino e extensão por meio de um conjunto de atividades diferenciadas. Esse componente tem o objetivo de resgatar conteúdos, aprimorar os conhecimentos, consolidar habilidades e competências e, principalmente, colocar em prática os aprendizados desenvolvidos ao longo do curso. Para tanto, a Vivência em Gestão foi desenvolvida por meio de três atividades, as quais são detalhadas na seção 2 deste artigo.

Sabe-se que de nada adianta a oferta de componentes curriculares inovadores se eles não são capazes de desenvolver saberes, competências e habilidades nos estudantes. Desse modo, esta pesquisa tem o objetivo de identificar a contribuição da Vivência em Gestão no desenvolvimento das habilidades previstas no projeto pedagógico dos cursos.

O artigo está estruturado em seis seções: além desta introdutória, a seção 2 apresenta a revisão da literatura. Na sequência, são apresentadas a metodologia (seção 3) e a Vivência em Gestão (seção 4), após os resultados obtidos (seção 5) e as considerações finais (seção 6).

REVISÃO DA LITERATURA

Esta seção apresenta uma breve revisão da literatura sobre as diversas possibilidades de desenvolvimento das habilidades sociais, visando contribuir para a formação discente nas diferentes escolhas profissionais.

Um olhar para as habilidades sociais

A literatura define o termo habilidade como a qualidade de uma pessoa hábil, que revela capacidade para fazer algo. Está intimamente relacionada à aptidão para cumprir uma tarefa específica com um determinado nível de destreza (DELORS, 2010; GRAMIGNA, 2007). Essa compreensão constitui uma ideia consideravelmente antiga, porém (re)valorizada na contemporaneidade em decorrência das mudanças no mercado, que requerem, especialmente dos ambientes organizacionais, a adoção de estratégias de negócios alinhadas à profissionais aptos e ágeis, a fim de garantir que objetivos e metas individuais e corporativas sejam alcançados.

A habilidade, de acordo com Zarifian (2012), pode ser uma aptidão inata ou desenvolvida por

meio de prática, treino e experiência, permitindo, portanto, que o indivíduo consiga melhorá-la. Nesse sentido, o autor dá ênfase à competência do indivíduo, manifestada pela combinação de conhecimentos, habilidades e atitudes, conhecida pela sigla CHA, que são as iniciais das três referidas palavras.

O conceito de competência abarca uma grande diversidade e multiplicidade de interpretações, conforme o autor, o contexto histórico, o referencial filosófico e a área do conhecimento. A partir dessa abrangência, é necessário apresentar como se propõe pensar e entender a competência nesse estudo. Para isso, adota-se a compreensão de Charlot (2002), Dutra (2001, 2004), Delors (2010) e Abrantes (2012), os quais permitem vê-la como a capacidade que um indivíduo possui e utiliza para alcançar um determinado objetivo em um contexto profissional e/ou pessoal, por meio de conhecimentos, habilidades e atitudes. Ou seja, não basta ter o conjunto dos CHAs, é preciso estar apto a colocá-los em ação.

Os conhecimentos são os *saberes* do indivíduo, estão relacionados ao domínio cognitivo, a todas as informações, princípios, experiências e verdades que o compõem (DUTRA, 2001, 2004). As habilidades, como já mencionadas, referem-se ao *saber fazer*, permeadas pelo saber analisar, saber escolher e saber decidir; e as atitudes ao *saber ser* (ou *querer fazer*). É o sentimento ou a emoção que influencia a escolha das ações e as respostas aos estímulos ou, ainda, a predisposição ou tendência de responder, positivamente ou negativamente, a determinados fatos, ideias, objetos, pessoas ou situações (DELORS, 2010).

De acordo com Charlot (2000), a competência articula saberes com fazeres característicos de situações concretas de vida, pois se aplica a qualquer período e a qualquer ambiente, deixando caminho aberto para todas as composições possíveis. Por meio da educação, seja ela familiar e/ou escolar/acadêmica, gera-se desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes que estimulam a evolução e a construção de cada pessoa. Contudo, o mesmo autor adverte que a educação é um processo que acontece se o indivíduo tem interesse e, sobretudo, se ele tem oportunidades no meio em que convive e estímulos das pessoas com as quais convive como familiares, professores, amigos, líderes corporativos, colegas de trabalho, entre outros grupos sociais.

Nesse contexto, Le Boterf (2003) afirma que se manter estudante é uma forma de reduzir riscos decorrentes das mudanças do mercado, demonstrando capacidades de habilidades e ações frente às adversidades e oportunidades, a fim de assegurar a empregabilidade. Para isso,

segundo Delors (2010), a educação também deve oferecer cada vez mais conhecimento e desenvolver habilidades alinhadas às necessidades laborais, pois as transformações da sociedade interferem no cotidiano e refletem diretamente nas atividades das pessoas.

Na era da tecnologia e da informação em tempo real, a formação deve ser constante, visto que não se pode acreditar que o que aprendemos na escola perdurará pelo resto da vida. Assim como máquinas e equipamentos, conhecimentos e habilidades também se tornam obsoletos. Quem se apropria de novos conhecimentos e habilidades tem vantagem competitiva e capacidade de abandonar velhas práticas para atender às novas demandas advindas da sociedade (ABRANTES, 2012).

Nesse exato momento do século 21, vive-se um problema de saúde pública provocado por um vírus⁴ e a dicotomia entre a convicção de um mundo mais humano e a cega valorização de recursos financeiros que norteiam o sistema capitalista em detrimento do saber científico. Há quem diga que está sendo necessária uma crise humanitária para que os *saberes* sejam mais respeitados por parte dos governantes, e que investimentos em políticas de financiamento à ciência façam parte dos seus planos de trabalho. Os resultados em investimentos na ciência nem sempre são imediatos, mas sabe-se que os ganhos podem aparecer de várias formas, como o avanço do conhecimento, a formação de profissionais de alto nível, a produção de inovações e, especialmente, a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Em outras palavras, a pandemia desse século coloca em xeque o capital e eleva a necessidade de uma visão de mundo integradora, com investimento contínuo em desenvolvimento de saberes articulados e compartilhados. Emergem, assim, o conhecimento e as habilidades humanas, emerge a ética do cuidado, como afirma o sábio filósofo Leonardo Boff. A essência da ética do cuidado é compreender que tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e a viver (BOFF, 2013).

A ética do cuidado exige aprendizagem, solidariedade, cordialidade, compaixão, compreensão, participação, diálogo, respeito às diferenças, entre tantas outras habilidades.

⁴ A Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu o primeiro alerta para a doença em 31 de dezembro de 2019, depois que autoridades chinesas notificaram casos de uma misteriosa pneumonia na cidade de Wuhan, na China. O novo vírus é apontado como uma variação da família coronavírus e recebeu da OMS a denominação de COVID-19 em 11 de fevereiro de 2020. Em 11 de março de 2020, a mesma organização declarou o novo coronavírus como uma pandemia global. Ainda não se sabe como ocorreu a mutação que permitiu o surgimento do novo vírus, mas ele já infectou mais de 160 milhões de pessoas e causou mais de 3,93 milhões de mortes no mundo. O Brasil registrou, até 28 de junho de 2021, mais de 18,4 mil casos confirmados e 513 mil mortes em decorrência do novo coronavírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, on-line).

Logo, a viabilidade de um modo de vida mais humano será possível e factível a partir desses valores universais, ou ainda, de acordo com as palavras de Boff (2013, p. 140), a partir de “uma maneira mais cuidada de ser”, uma maneira de dialogar e uma possibilidade de aprender e ensinar, afinal, quando se cuida, se deseja o bem e se pratica o bem.

Revela-se, nesse sentido, a associação de comportamentos com conhecimentos. Comportamentos que contemplam habilidades para adoção de métodos diferenciados para situações específicas; identificação de oportunidades; modelagem e arquitetura de negócios; planejamento, organização, direção e controle; responsabilidade socioambiental; formação de equipe; comunicação, empatia e relacionamento interpessoal, além de visão estratégica e outras. E conhecimentos que incluam a formação educacional, capacitações, vivências, experiências e autodesenvolvimento (ZARAFIAN, 2012). Tais comportamentos são elementos fundamentais para um saber agir responsável, logo, para a integração e transferência de conhecimentos e habilidades sociais voltadas a uma ação concreta. Esse comportamento reflete-se na evolução das pessoas, assim como das organizações.

Dito isso, concordamos com Dutra (2004, p. 30), quando ele afirma que a “competência em ação” é evidenciada “quando são realmente colocados em prática os CHAs dominados por uma pessoa”, contribuindo efetivamente para o seu próprio desenvolvimento, assim como da organização e da sociedade.

Em comunhão com esse pensamento, Capra (2013, p. 182) afirma que a evolução da sociedade está diretamente “ligada a mudanças no sistema de valores que serve de base a todas as suas manifestações”. O conjunto de valores constituirá a estrutura das percepções, intuições, formações e escolhas da sociedade para que haja inovação e adaptação social.

Nessa medida, cabem algumas reflexões em relação à formação, especialmente quanto às contribuições do ensino, da pesquisa e da extensão universitária no desenvolvimento de saberes, apresentadas a seguir.

2.2 Contribuições do ensino, da pesquisa e da extensão universitária no desenvolvimento de saberes

As mudanças no mercado geram novas demandas e fazem com que as pessoas procurem periodicamente novos aprendizados a fim de atingir suas expectativas pessoais e profissionais.

Dessa maneira, as etapas formais da educação (nível fundamental, ensino médio, educação superior e educação continuada) também passam pela necessidade de se (re)inventar por meio de métodos de ensino.

Sob este aspecto, as Instituições de Educação Superior (IES) normalmente se destacam por serem lócus de ensino, pesquisa e extensão, e por apresentarem sintonia e sinergia às demais diretrizes e projetos da instituição, para que os interessados (acadêmicos e comunidade) nesses processos de formação possam encontrar um ambiente favorável ao desenvolvimento intelectual e profissional.

Dessa maneira, o ensino, a pesquisa e a extensão nas IES compreendem um processo gerador de aprendizagem científico, artístico, tecnológico e cultural. O ensino implica fornecer informação e conhecimento científico que capacita os estudantes a entenderem o porquê e o como do funcionamento das coisas, de modo que desenvolvam habilidades e competências que lhes permitam selecionar, criticar, comparar e elaborar novos conceitos e saberes interdisciplinares (GIL, 2012). A pesquisa científica é um processo formador de conhecimentos, um elemento constitutivo e fundamental da ação do *aprender-aprendendo* durante vários momentos curriculares da formação do estudante. Os resultados da pesquisa científica ultrapassam fronteiras, e representam a identidade de uma instituição produtora de conhecimentos (SANTOS, 2012).

Por sua vez, a extensão potencializa, estimula e problematiza o ensino da Universidade com a realidade econômica, social, política e cultural, tornando-se um espaço de construção de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades sociais relevantes, pois a interação entre a ciência, na academia, e a vivência, na sociedade, pode fortalecer um projeto pedagógico de plena conectividade e transformação social (SÍVERES, 2011). Ainda, o conhecimento da realidade local-regional

proporciona o desenvolvimento de habilidades profissionais, maior responsabilidade acadêmica e profissional, além de contribuir para a escolha de uma formação continuada, que geralmente estará relacionada com o que o estudante aprendeu ao conhecer essa realidade (COSTA; BAIOTTO; GARCES, 2013, p. 63).

A extensão universitária gera experiências significativas de aprendizagem aos estudantes ao estabelecer a relação dos conhecimentos teóricos com a realidade prática. Nesses espaços vivenciais de saberes, evidenciam-se as habilidades que os qualificam para a convivência coletiva e a inclusão social.

Nessa perspectiva, e conforme entendimento de Lima e Leite (2012), as atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas nas IES são responsáveis pela produção e disseminação de conhecimentos e habilidades. Assim, conforme ocorrem mudanças na sociedade, as universidades moldam seus planejamentos curriculares cientes de seu papel no desenvolvimento da educação. Por isso, espera-se que elas, além de compartilhar conhecimentos, preocupem-se com sua aplicação, para formar profissionais habilitados para as tradicionais e novas carreiras, contribuindo para o efetivo desenvolvimento da sociedade (LIMA; LEITE, 2012).

Dessa forma, as universidades devem promover o contato dos estudantes com diversas áreas de conhecimento por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, para que as experiências vividas na instituição possam nortear suas práticas na sociedade. Nessa perspectiva, o corpo docente deve ser capaz de instruir, orientar, apontar, guiar, dirigir, preparar e formar estudantes com o objetivo de torná-los aptos a atenderem às novas demandas do mercado (GIL, 2012). Além disso, elas devem estimular os estudantes à autorreflexão, para que possam avaliar constantemente suas competências e habilidades, buscando a contínua melhoria.

Assim, é importante destacar que as universidades, além de atenderem à formação superior, precisam estar atentas às demandas criadas pelas mudanças que o mercado vem experimentando, a fim de complementar o desenvolvimento de seus estudantes. Acredita-se que os resultados da elaboração e da oferta de cursos nas mais diversas áreas do conhecimento e dos espaços de ensino para a produção do *saber-fazer*, *saber-agir* e *saber-ser* transcendem a dimensão individual ou institucional, tornando-se estratégica à sociedade.

METODOLOGIA

Esse estudo foi realizado com estudantes matriculados no componente curricular chamado Vivência em Gestão, com o objetivo de avaliar a contribuição das diversas atividades propostas, visando ao desenvolvimento das habilidades previstas em seu Plano de Ensino.

Para isso, a pesquisa caracteriza-se quanto à natureza, como um estudo aplicado, por centrar-se em problemas e preocupações em um contexto que envolve interesses locais, com o propósito de gerar possíveis soluções (ROESCH, 1996). Quanto à abordagem, a pesquisa

classifica-se como quantitativa e qualitativa, ou seja, o estudo faz uso das duas abordagens para a medição de todos os elementos envolvidos, conforme detalhamento que segue.

Pesquisa quantitativa

De acordo com Fonseca (2012), a pesquisa quantitativa visa apresentar a recorrência do fato, avaliando a autenticidade do que vem sendo investigado, por meio da aplicação de questionário, estabelecendo critérios para dar relevância ao que é comum à maioria dos respondentes. Nesse estudo, a etapa quantitativa apurou as opiniões dos estudantes, quantificando os dados por meio de análise estatística (OLIVEIRA, 2004).

Para a coleta de dados com os estudantes, utilizou-se um questionário eletrônico, via *Google* Formulários. Conforme Malhotra (2006), o questionário é uma técnica estruturada para coleta de dados que requer objetivos específicos, visando a apontar a informação desejada em um conjunto de questões que o entrevistado tenha condições de responder. O questionário, estruturado com quatro questões objetivas (escalar de 1 a 5, sendo 1 a menor avaliação e 5 a maior avaliação) e cinco questões discursivas, foi respondido por 20 estudantes, do total de 21.

Depois dos questionários aplicados, as respostas foram analisadas com o auxílio do *Microsoft Excel*. Para a análise das questões objetivas, foram utilizadas técnicas de estatística descritiva, como a média, o desvio-padrão e o coeficiente de variabilidade (COOPER; SCHINDLER, 2003). As questões discursivas foram transcritas e categorizadas, seguindo a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

Pesquisa qualitativa

Conforme Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa qualitativa, por meio de entrevista, busca perceber a individualidade e os significados atribuídos pelos indivíduos a determinada realidade, procurando descrever essa realidade, sem a preocupação de mensurá-la em dados estatísticos.

Assim, nesse estudo, as questões discursivas do questionário aplicado aos estudantes buscaram estimulá-los a refletir sobre determinado tema e apresentar de maneira transparente

suas percepções e entendimentos sobre um fato específico. Também foram entrevistados os gestores das empresas incubadas no Tecnovates, para identificar a contribuição da Vivência em Gestão em seus negócios.

Tanto as questões discursivas do questionário aplicado aos estudantes, quanto às entrevistas com os gestores, foram transcritas e categorizadas seguindo a técnica de análise de conteúdo. O objetivo da análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2011), é compreender o pensamento do sujeito por meio do conteúdo expresso, procurando conhecer os significados das mensagens.

Organização dos dados e limitação do estudo

Os dados da pesquisa foram organizados por categorias, buscando agrupar elementos em torno de um conceito. Bardin (2011) sugere que o conteúdo de cada entrevista seja organizado e dividido em sequências, e essas partes de textos sejam interpretadas e relacionadas com temas dominantes. Antes de analisar cada fragmento do texto e interpretá-lo, deve ser realizada uma análise rigorosa da ideia do entrevistado. Dessa forma, foi possível identificar categorias e validar com a análise das questões objetivas.

Para preservar a identidade e a privacidade dos respondentes, seus nomes não são revelados. Nas citações das entrevistas são identificados como Estudante 1, 2, 3 e assim sucessivamente, e Gestores 1 e 2.

Quanto à limitação do estudo, a impossibilidade de generalização dos resultados deve ser considerada, visto que eles se aplicam apenas à Instituição foco do estudo e ao componente curricular aqui analisado.

COMPONENTE CURRICULAR “VIVÊNCIA EM GESTÃO”

A “Vivência em Gestão” é um componente curricular obrigatório de todos os cursos na área de Gestão da Univates. No ano de 2019, o componente foi oferecido em um projeto piloto nos cursos de Gestão Financeira e Logística, sendo ministrado por dois professores e cursado por 21 estudantes dos dois cursos.

Os objetivos da Vivência em Gestão e as habilidades que o componente curricular se propõe a desenvolver nos estudantes estão relacionados no Quadro 1.

Quadro 1 – Objetivos e habilidades da Vivência em Gestão

VIVÊNCIA EM GESTÃO	
OBJETIVOS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> - Vivenciar as atividades administrativas; - Participar da viagem de estudos, com visita a organizações e/ou realização de seminários de discussão; - Exercitar e integrar os conhecimentos adquiridos e as habilidades desenvolvidas ao longo do curso; - Contatar o ambiente organizacional, ampliando a compreensão de questões mercadológicas, financeiras, operativas e estratégicas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação de oportunidades; - Modelagem e arquitetura de negócios; - Planejamento, organização, direção e controle; - Responsabilidade socioambiental; - Formação de equipe; - Empatia e relacionamento interpessoal; - Visão estratégica.

Fonte: Plano de Ensino do componente curricular (2020).

Buscando alcançar os objetivos propostos pelo componente curricular, a Vivência em Gestão foi organizada em três atividades, a saber: Revisão de Conteúdos, Intervenção no Parque Tecnológico da Univates (Tecnovates) e Viagem de Estudos, conforme apresentado na Figura 1 e detalhado a seguir.

Figura 1 – Atividades que compuseram a Vivência em Gestão



Fonte: Os autores (2020).

a) Intervenção no Tecnovates: inicialmente, os estudantes foram apresentados a problemas reais enfrentados por duas empresas incubadas no Parque Tecnológico da Univates. No semestre em questão, as duas empresas fizeram uma apresentação dos seus negócios para a turma, relatando o que cada uma produz e comercializa e o objetivo que elas têm no mercado. Ambas as incubadas são do segmento alimentício, sendo uma produtora de cereais integrais e outra produtora de Iogurtes, ricotas e *cream cheese* à base de *kefir*, leite sem lactose e frutas frescas. Na apresentação, os estudantes perceberam algumas necessidades, que são muito comuns em empresas que estão ingressando recentemente no mercado, e a partir disso, organizados em grupos, os acadêmicos deveriam fazer um diagnóstico nas áreas de Finanças e/ou Logística e propor uma solução para cada empresa. A apresentação pelos grupos das proposições às incubadas está descrita na atividade a seguir.

b) Revisão de conteúdos: para que os acadêmicos resolvessem as questões propostas pelas empresas, foi necessário visitar os conteúdos e os componentes curriculares já cursados. Desse modo, a pesquisa fez-se necessária como apoio às propostas de solução a serem apresentadas às organizações. Durante algumas semanas, os grupos puderam tirar suas dúvidas, pesquisar e pensar em cada questão mencionada pelas empresas incubadas no Tecnovates. Para identificar soluções adequadas para cada um dos casos, os acadêmicos tiveram de relembrar os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso. Após elaborado o relatório com as sugestões de melhoria e soluções para as empresas, os grupos retornaram ao Tecnovates para fazer a apresentação de suas propostas às empresas e aos professores, conforme Figura 2.

Figura 2 – Apresentação de trabalhos no Tecnovates



Fonte: Os autores (2020).

c) Viagem de estudos: a Vivência em Gestão também possibilita a imersão em realidades diferentes das empresas do Vale do Taquari por meio da realização de uma viagem de estudos. No semestre em questão, o destino foi São Paulo, sendo visitadas organizações como a B3 (Bolsa de Valores de São Paulo), a BPP (*fintech* de pagamentos), o Next (Banco digital do Bradesco), o Porto de Santos, o Metrô de São Paulo, a Ceagesp, a Volkswagen, a Cervejaria Águas da Serra – Ambev (FIGURA 3), entre outras.

Figura 3 – Visita à Cervejaria Águas da Serra – Ambev



Fonte: Os autores (2020).

Antes da viagem, os estudantes pesquisaram sobre o ambiente paulista e sobre as organizações a serem visitadas, elaborando quatro perguntas a partir das informações encontradas. No dia da visita, cada grupo que pesquisou a organização conduziu o diálogo, por meio do roteiro de perguntas previamente levantadas para, no final do semestre, elaborar um relatório sobre as empresas e apresentar para a turma.

RESULTADOS

Com o propósito de identificar as contribuições das atividades realizadas no componente curricular Vivência em Gestão, os estudantes, inicialmente, responderam o quanto as três atividades realizadas (proposições às empresas do Tecnovates, viagem de estudos a São Paulo e realização de pesquisas prévias a respeito do ambiente paulista e das empresas a serem visitadas) contribuíram para o desenvolvimento das habilidades do curso (ZARIFIAN, 2012; ABRANTES, 2012).

Conforme demonstrado na Tabela 1, as proposições que os estudantes em grupos fizeram para as empresas incubadas no Parque Tecnológico da Instituição contribuíram para o desenvolvimento das habilidades da seguinte maneira: a visão estratégica foi a que mais contribuiu (média 4,40), seguida da empatia e relacionamento interpessoal (4,30), do planejamento, organização, direção e controle (4,25), da formação de equipe (4,20), da identificação de oportunidades (4,10), da modelagem e arquitetura de negócios (4,05) e da responsabilidade socioambiental (3,95).

Na segunda atividade avaliada, a viagem de estudos à São Paulo/SP, as habilidades que mais contribuíram na ordem foram: a visão estratégica (média 4,55), a empatia e relacionamento interpessoal (4,55), o planejamento, organização, direção e controle (4,50), a formação de equipe (4,35), a modelagem e arquitetura de negócios (4,30), a responsabilidade socioambiental (4,30) e a identificação de oportunidades (4,25). E a terceira atividade avaliada foram os estudos e as pesquisas realizados pelos estudantes antes da viagem, a fim de conhecer o ambiente paulista e as empresas que seriam visitadas, sendo que a habilidade que mais contribuiu na opinião dos respondentes foi a visão estratégica (média 4,25), seguida da formação de equipe (4,20), da empatia e relacionamento interpessoal (4,15), do planejamento, organização, direção e controle (4,00), da modelagem e arquitetura de negócios (4,00), da identificação de oportunidades (4,00) e pela responsabilidade socioambiental (3,65).

Tabela 1 – Resultados decorrentes da pergunta “Considerando a atividade desenvolvida, avalie o quanto ela contribuiu no desenvolvimento das habilidades”

Habilidade	Empresas do Tecnovates			Viagem de estudos			Pesquisas prévias			GERAL		
	M	DP	CV	M	DP	CV	M	DP	CV	M	DP	CV
Identificação de oportunidades	4,10	1,02	0,25	4,25	1,12	0,26	4,00	0,97	0,24	4,12	1,03	0,25
Modelagem e arquitetura de negócios	4,05	1,10	0,27	4,30	0,80	0,19	4,00	1,12	0,28	4,12	1,01	0,25
Planejamento, organização, direção e controle	4,25	0,97	0,23	4,50	0,89	0,20	4,00	0,92	0,23	4,25	0,93	0,22
Responsabilidade socioambiental	3,95	1,00	0,25	4,30	0,86	0,20	3,65	1,27	0,35	3,97	1,07	0,27

Formação de equipe	4,20	0,95	0,23	4,35	1,14	0,26	4,20	0,95	0,23	4,25	1,00	0,24
Empatia e relacionamento interpessoal	4,30	0,98	0,23	4,55	0,83	0,18	4,15	1,09	0,26	4,33	0,97	0,22
Visão estratégica	4,40	0,94	0,21	4,55	0,76	0,17	4,25	1,12	0,26	4,40	0,94	0,21
GERAL	4,18	0,98	0,24	4,40	0,91	0,21	4,04	1,06	0,26	4,20	1,00	0,24

Fonte: Levantamento com os estudantes (2020).

Legenda: M = Média; DP = Desvio Padrão; CV = Coeficiente de Variabilidade.

Analisando qual das habilidades desenvolvidas nas três atividades mais contribuiu para os respondentes, observa-se a visão estratégica (média 4,40), a empatia e relacionamento interpessoal (4,33) e a formação de equipe (4,25). Visão estratégica também foi a habilidade que teve a opinião mais homogênea (coeficiente de variabilidade 21,42%) e a responsabilidade socioambiental a habilidade que teve a opinião mais heterogênea (coeficiente de variabilidade 27,05%).

Quando analisados os resultados gerais, a atividade que mais contribuiu para o desenvolvimento das habilidades dos estudantes foi a viagem de estudos (média 4,40 e desvio padrão 0,91), seguida pela atividade realizada junto às empresas do Tecnovates (média 4,18 e desvio padrão 0,98) e os estudos e as pesquisas antes da viagem (média 4,04 e desvio padrão 1,06). A viagem de estudos também foi a atividade com a menor variação nas opiniões (coeficiente de variabilidade 20,73%).

As questões seguintes objetivavam identificar a maneira que o componente curricular contribuiu para o desenvolvimento pessoal, profissional e acadêmico, ou seja, conforme a visão de mundo integrado de Boff (2013). Os respondentes mencionaram que os conhecimentos e experiências vivenciadas no componente curricular, possibilitaram avanços significativos no desenvolvimento pessoal, conforme menciona o Estudante 7: “A vivência foi, sem dúvida, a etapa mais marcante da graduação no meu desenvolvimento pessoal. Mostrou a grandeza e competência de diversas organizações que jamais imaginei conhecer, além das novas amizades e experiências únicas vividas”. Já o Estudante 11 afirmou que a viagem de estudos foi “inesquecível, pois é um ambiente que eu nunca tinha vivenciado, com pessoas e culturas completamente diferente do meu habitual, mas acredito que foi de muita

importância, pois consegui ver como funciona uma grande metrópole, com seus problemas sociais e ambientais bem como as oportunidades de desenvolvimento”.

Os respondentes foram unânimes em afirmar que as atividades realizadas no componente curricular contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento profissional, conforme menciona o Estudante 10: “Acredito que a maioria dos colegas tenha se imaginado morando e trabalhando em São Paulo, e analisado se teria o perfil para isso. É um estado com muitas oportunidades de trabalho, que te permitem crescer profissionalmente, mas que também mostram o quão desafiadora pode ser a rotina de trabalho neste local, assim como tivemos alguns relatos de funcionários das empresas que enfrentam muitas coisas apenas para conseguir se deslocar ao trabalho”. No mesmo sentido, o Estudante 15 aproveitou as visitas para sugerir à organização em que atua: “de certa forma, é uma apresentação de novas oportunidades profissionais que vêm ao encontro no final do curso, dando opções aos formandos de buscarem e expandirem suas atuações a empresas maiores e em outros estados. Tive contato com os cartões pré-pagos, por exemplo, e pude levar essa ferramenta à empresa onde trabalho atualmente, isso é positivo!”.

E quanto à contribuição das atividades para o desenvolvimento acadêmico, os respondentes também consideraram que o conhecimento adquirido foi significativo, conforme o relato do Estudante 12 “no desenvolvimento acadêmico, não podendo ser diferente, todo componente curricular se encaixou perfeitamente para o final do curso, trazendo a parte mais prática e não só a teoria”, e do Estudante 13 “no meio acadêmico, foi a melhor experiência que tive pela universidade. As palestras, Aula Magna, semana acadêmica, cases empresariais, ajudam a localizar a teoria no dia-a-dia das empresas. Mas o componente de vivências possibilita o aluno a sentir o que é ser um gestor, dar opinião, analisar situações”. Da mesma forma, o Estudante 18 acentua que “A prática consolida a teoria tratada em sala de aula. Vivenciar todas essas empresas *in loco* foi uma oportunidade única, que somente por meio da universidade foi possível”.

Por fim, sabe-se que o papel da extensão acadêmica vai além de possibilitar o desenvolvimento de habilidades nos estudantes, pois se espera alguma contribuição à comunidade a partir da realização da prática extensionista. Desse modo, questionou-se às empresas participantes da atividade no Tecnovates sobre a contribuição dos estudantes à sua prática gerencial. Para as gestoras da Empresa 1, a atividade com os estudantes foi uma oportunidade de aprendizado, pois a empresa é iniciante e está pré-incubada no parque desde

o início de 2019. A narrativa dos Gestores 1 e 2 evidencia essa importância: “Somos da área da saúde e sabíamos pouco de logística. Para a empresa, é muito bom ter outras ideias e pontos de vista. Saber que os alunos estão empenhados estudando possibilidades para a nossa empresa é gratificante. Empreender é um desafio, porém com apoiadores ficamos mais motivadas ainda a seguir em frente”.

A partir das sugestões propostas pelos estudantes, as empresas puderam repensar os seus processos e construir novas possibilidades, com vistas à melhoria das operações logísticas, principalmente relacionadas à embalagem, armazenamento e distribuição, e nos processos de gestão financeira, no que se refere ao controle financeiro e orçamentário.

Em suma, as atividades realizadas na Vivência em Gestão trouxeram aprendizados significativos aos estudantes, bem como contribuições à comunidade, representada pelas empresas do Tecnovates atendidas nessa intervenção, haja vista, os resultados das avaliações realizadas e os relatos apresentados, indo ao encontro do entendimento de Lima e Leite (2012) de que as atividades de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvidas nas IES, são responsáveis pela produção e disseminação de conhecimentos e habilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados da pesquisa possibilitou identificar que o componente curricular denominado Vivência em Gestão contribuiu significativamente no desenvolvimento das habilidades dos estudantes, conforme previsto no projeto pedagógico dos cursos da área de Gestão da Univates.

De igual forma, houve contribuições para as empresas incubadas, na medida em que os estudantes sugeriram ações de melhorias nas áreas de logística e finanças, proporcionando melhorias nos processos internos e em novas possibilidades de atuação no mercado.

As ações de extensão foram atendidas por meio das sugestões apresentadas pelos estudantes às empresas incubadas e pelas visitas técnicas às organizações paulistas; as ações de pesquisa foram cumpridas com atividades de investigação por parte dos estudantes a fim de atender às demandas apresentadas pelas empresas incubadas, bem como a pesquisa realizada por cada grupo em relação ao ambiente paulista e as organizações visitadas; e às ações de ensino foram observadas a partir do conhecimento gerado nas diversas atividades da Vivência,

possibilitando que os estudantes articulassem saberes interdisciplinares para contribuir com as empresas do Tecnovates.

Longe de achar que a Vivência em Gestão está pronta, o plano piloto nos cursos de Gestão Financeira e Logística confirma a possibilidade de integrar em um mesmo componente curricular ensino, pesquisa e extensão e motiva ampliar a experiência aos demais cursos do Centro de Gestão Organizacional da Univates.

Assim, outras pesquisas poderão ser aplicadas por meio de diferentes perspectivas metodológicas, maior alargamento conceitual e participação acadêmica, visando avaliar mais profundamente os benefícios da indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão no desenvolvimento de competências e habilidades dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, J. **A pedagogia empresarial nas organizações que aprendem**. 2. ed. Wak: Rio de Janeiro, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. 19. ed. Vozes: Petrópolis-RJ, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/https://saude.gov.br/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2013.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

DELORS, J. *et al.* **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Brasília: Unesco, 2010. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso em: 18 jan. 2021.

DUTRA, J. S. **Competências: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna**. São Paulo: Atlas, 2004.

DUTRA, J. S. (org.). **Gestão por competências: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas**. São Paulo: Gente, 2001.

FARIAS, M. C. M.; SOARES, L. R.; FARIAS, M. M. Ensino, pesquisa e extensão: histórico, abordagem, conceitos e considerações. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 9, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20564>. Acesso em: 15 abr. 2021.

FONSECA, R. C. V. **Métodos do trabalho científico**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

GIL, C. A. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2012.

GRAMIGNA, M. R. **Modelo de competências e gestão dos talentos**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LE BOTERF, G. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LEITE, D.; LIMA, E. G. S. (org.). **Influências da avaliação no conhecimento produzido pelos pesquisadores em redes de pesquisa**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookmann, 2006.

MOITA, F. M. G. da S. C.; ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Rev. Bras. Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, 2009. Doi: 10.1590/S1413-24782009000200006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gmGjD689HxfJhy5bgykz6qr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio do curso de administração**: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalhos de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, M. P. Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. **Revista Conexão UEPG**, Curitiba, v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5141/514151728002.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2021.

SÍVERES, L. (org.). A extensão universitária como princípio de aprendizagem. *In*: COSTA, A. A. C.; BAIOTTO, C. R.; GARCES, S. B. B. **Aprendizagem**: o olhar da extensão. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 61-80.

SÍVERES, L. Princípios estruturantes da extensão universitária. *In*: SÍVERES, L.; MENEZES, A. L. T. (org.). **Transcendendo fronteiras**: a contribuição da extensão nas instituições comunitárias de ensino superior. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 26-50.

Submetido em 11 de dezembro de 2020.

Aprovado em 17 de maio de 2021.